

LABVERDE

EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS NA AMAZÔNIA



LAB VERDE

EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS NA AMAZÔNIA

8 A 14 DE JUNHO DE 2013 - RESERVA

FLORESTAL ADOLFO DUCKE - MANAUS - AM

15 DE JUNHO A 29 DE AGOSTO DE 2013

PARQUE DO MINDU - MANAUS - AM

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte


INPA
INSTITUTO NACIONAL DE
PESQUISAS DA AMAZÔNIA

LAB VERDE: EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS NA AMAZÔNIA
Lilian Fraiji

AMAZÔNIA E A DEMOCRATIZAÇÃO CIENTÍFICA
Fabrizio Baccaro

ARTE E NATUREZA
Cauê Alves

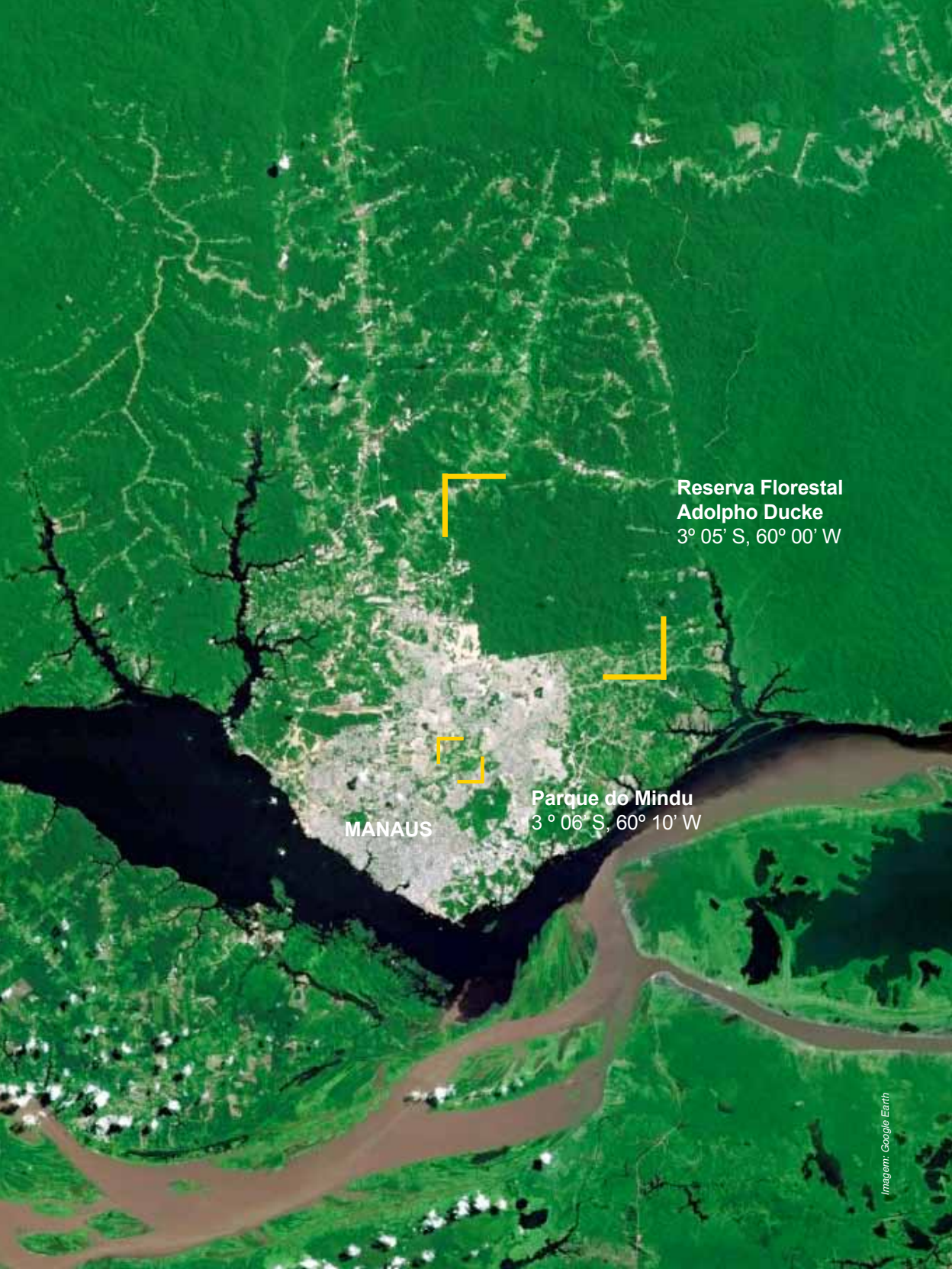
CÍRCULO SOM
Val Sampaio

PROTEÇÃO FEITA PELO HOMEM, PARA PROTEGER A
NATUREZA DO HOMEM
Felipe Cidade

ADAPTAÇÃO E A HIPÓTESE DA PALMEIRA ERRANTE
Fernanda Rappa

MIDORI
Livia Pasqual

SEM TÍTULO
Rodrigo Braga



LAB VERDE: EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS NA AMAZÔNIA

Lilian Fraiji

(São Paulo, Brasil, 1982)

Formada em Comunicação e Marketing pela ESPM em Porto Alegre, com especialização em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Barcelona e Mestrado em Curadoria e Práticas Culturais pela Universidade Ramon Llull. Fundou a Manifesta Arte e Cultura e, atualmente, vive em Manaus.

LAB VERDE é um projeto multidisciplinar que integra arte, paisagem e meio ambiente e promove o exercício estético por meio da prática artística na floresta amazônica. Criado para ser um programa de reflexão em torno da experimentação e transformação da paisagem, o projeto convocou artistas a participar de um período de imersão em uma reserva e a realizar intervenção em um parque público na cidade de Manaus.

A biodiversidade da floresta amazônica, aliada à sua força social, cultural e política, constitui um importante conteúdo para o estudo artístico. LAB VERDE possibilitou o diálogo entre arte e natureza, contribuindo para intercambiar saberes e institucionalizar uma prática artística ainda pouco usual no Brasil.

A primeira edição do projeto recebeu 162 propostas, mobilizando diferentes possibilidades da prática artística na floresta. Diante desse vasto acervo, marcado pela pluralidade de linguagens e suportes criativos que abordavam a Amazônia em sua complexidade, os artistas Felipe Cidade, Lívia Pasqual, Fernanda Rappa, Rodrigo Braga e Val Sampaio foram selecionados para participar.

A vivência sensorial e emocional com o meio foi o ponto de partida do período imersivo na Reserva Florestal Adolpho Ducke, uma área de floresta primária administrada pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) para fins de pesquisa científica. Os artistas realizaram uma série de visitas guiadas à Reserva, ministradas por profissionais vinculados ao Inpa, que auxiliaram na compreensão da biodiversidade da floresta.

As intervenções artísticas foram executadas no Parque do Mindu, uma unidade de conservação pública localizada dentro da cidade de Manaus. No encontro com a cidade, os artistas se depararam com os problemas característicos da urbanização na Amazônia, relativos ao crescimento desordenado da cidade, à carência de administração pública e ao impacto do homem na natureza.

A vivência na região fomentou uma série de questionamentos, que

extrapolaram os limites da práxis criativa e inseriram o discurso artístico em um âmbito mais abrangente, que considerou a riqueza, a especificidade e os desafios da floresta na atualidade. Explorar o território amazônico por meio da hibridização de saberes que perpassam a arte, a biologia e a sociedade foi um exercício importante para a tomada de consciência e uma experiência que possivelmente servirá de repertório para criações futuras.

Os trabalhos utilizaram narrativas que exploraram a ressignificação da paisagem, o exercício poético e a conscientização ambiental, reivindicando um olhar mais apurado e sensível na interpretação da floresta e auxiliando a construção de novas interpretações da Amazônia brasileira.

A realização do projeto LAB VERDE respondeu à demanda por novas concepções no campo das artes, possibilitando a investigação da Amazônia enquanto lugar, conteúdo e meio, e ampliando a consciência política, social e econômica das transformações humanas na natureza. Promoveu, portanto, a reflexão e o debate crítico tanto na esfera da arte, com o desafio da investigação de um novo suporte, quanto na esfera social, com a problematização das questões socioambientais da floresta.



1. Hospedagem
Foto: Livia Pasqual

2. Imersão
Foto: Laurent Troost

3. Encontro com artistas locais
Foto: Coletivo Difusão

4. Trilha Reserva Ducke
Foto: Laurent Troost

5. Observação de pássaros
Foto: Felipe Cidade

6. Abertura da Mostra
Foto: Roumen Koynov





AMAZÔNIA E A DEMOCRATIZAÇÃO CIENTÍFICA

Fabricio Baccaro
(Londrina, Brasil, 1976)

Doutor em Ecologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus (INPA). É professor do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mora em Manaus desde 2004 e estuda diversos aspectos da ecologia de insetos sociais, principalmente das formigas. Além de publicações científicas, foi um dos organizadores do livro “Reserva Ducke: a biodiversidade amazônica através de uma grade”, que apresenta resultados de pesquisas científicas ao público em geral. Atualmente trabalha na elaboração de um livro ilustrado para aproximar estudantes e curiosos da enorme diversidade de formigas que vivem no Brasil.

A Amazônia é de inestimável valor para a sobrevivência da humanidade. Além de prestar importantes serviços ambientais, como a purificação da água, a ciclagem de nutrientes e a manutenção das condições climáticas, sua diversidade biológica constitui uma extraordinária fonte de recursos com aplicação nutricional, medicinal e industrial, entre outras. No entanto, ainda que as florestas tropicais amazônicas respondam por cerca de 25% das florestas remanescentes do planeta e ocupem quase metade do território do Brasil, a região permanece praticamente desconhecida para o restante do país.

É com o propósito de realizar o estudo científico do meio físico e das condições de vida do local que o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) administra a Reserva Florestal Adolpho Ducke, localizada na região central da Amazônia, onde são desenvolvidos significativos estudos sobre a sociobiodiversidade e os recursos florestais e hídricos da floresta. Habitat de milhares de espécies, a Reserva Ducke foi objeto de alguns dos guias de campo mais completos que existem sobre a região neotropical. Esta é provavelmente uma das áreas de floresta tropical mais bem estudadas do Brasil – resultado de muitos anos de trabalho de inúmeros pesquisadores, estudantes e professores.

Apesar da vasta produção científica, fomentada em grande parte pela criação de novos ramos de pesquisa, são escassos os trabalhos que enfatizam a democratização do conhecimento produzido sobre a Amazônia. Na esfera das ciências, vamos nos tornando especialistas, adentrando espectros cada vez mais limitados do conhecimento humano e aumentando o distanciamento entre a ciência e a sociedade. Tal hiato é especialmente grande nas ciências biológicas. Basta pedir para que um biólogo ou ecólogo explique seu trabalho em linguagem coloquial: essa experiência costuma resultar na frustração tanto do profissional, que não consegue explicar seu trabalho, como do leigo, que não consegue compreender. Há aí um problema sério, já que os biólogos e ecólogos são uma parcela significativa dos profissionais

que lidam com a natureza, e esta, com toda a sua biodiversidade, deve estar presente no dia a dia das pessoas.

LAB VERDE buscou estreitar a distância entre o público leigo e a natureza, utilizando a arte como catalisador. Ao colocar artistas, biólogos e ecólogos de diversas regiões do país na Reserva Ducke, esse projeto proporcionou a troca de experiências e visões de mundo – oportunidade valiosa para a construção de um conhecimento mais integrado e pleno.



1. Formiga Zumbi
Foto: Felipe Cidade

2. Debate
Foto: Roumen Koynov

3. Torre de observação
Foto: Fernanda Rappa

4. Textura
Foto: Lilian Fraiji

5. Humus
Foto: Lilian Fraiji

6. Caminhada
Foto: Laurent Troost





ARTE E NATUREZA

Cauê Alves

(São Paulo, Brasil, 1977) – Curador e crítico de arte

Mestre e Doutor em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). É professor do Departamento de Arte da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Escreve regularmente sobre arte contemporânea e tem experiência em história da arte, teoria da arte e estética. Desde 2006 é curador do Clube de Gravura do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Foi membro do conselho consultivo de artes do MAM-SP (2005–2007) e realizou, entre outras curadorias, "MAM[na]OCA: arte brasileira do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo" (2006), "Quase líquido", no Itaú Cultural (2008) e "Da estrutura ao tempo: Hélio Oiticica" (2009) e "Mira Schendel: avesso do avesso" (2010), ambas no Instituto de Arte Contemporânea. Foi um dos curadores do 32º Panorama da Arte Brasileira do MAM-SP (2011) e curador-adjunto da 8ª Bienal do Mercosul (2011).

A arte historicamente é compreendida como uma atividade tipicamente urbana, não apenas presente em espaços expositivos das cidades, mas também constitutiva da noção moderna desses ambientes. Por ser construção humana, portanto integrante do vasto campo da cultura, a arte é normalmente entendida como oposta à condição original e primitiva da natureza. Aristóteles já havia afirmado que a arte imita a natureza. Tratava-se de perceber que a arte produz à maneira de, faz como, no sentido de reproduzir, representar não apenas as coisas ou imagens da natureza, mas o próprio processo inventivo desta. A arte pode criar coisas que a natureza não proporciona, mas que nela existem potencialmente.

Desde as experiências de Land Art norte-americana nos anos 1960, a arte passou a se relacionar com o ambiente natural de modo distinto do que tradicionalmente vinha ocorrendo. A noção de escultura não deu mais conta de muitos dos trabalhos que surgiram nessa época, o que marcou uma ruptura com a arte moderna. O artista contemporâneo pode intervir diretamente num lugar específico, sem necessidade de um pedestal que distinga claramente a arte do seu entorno. A arquitetura e a paisagem estão integradas ao trabalho de arte, assim como o observador, que é convidado a entrar e percorrer os espaços da arte e do meio ambiente.

Os trabalhos selecionados para o projeto LABVERDE, mesmo que afastados do sentido original dos projetos históricos da Land Art, são intervenções feitas especialmente para o ambiente de uma reserva natural. O projeto parte do pressuposto de que os sentidos das obras são indissociáveis do fato de elas estarem num parque com mata nativa. Sem precisar optar por alguma estratégia espetacular, as obras são capazes de reequacionar a experiência que temos com a natureza. Algumas até se fundem com elementos naturais, sem, no entanto, buscar alguma unificação forçada. Diferente da Land Art

histórica, em que havia uma clara recusa dos museus, galerias e colecionadores, o LABVERDE, mesmo sabendo da dificuldade de os trabalhos apresentados serem colecionados, não se opõe ao circuito institucional da arte. Ao contrário, o projeto identificou a necessidade de construção de um circuito da arte mais maduro em Manaus ao explorar as inúmeras possibilidades de desenvolvimento de experimentos artísticos na região amazônica.

Os artistas participantes do LABVERDE levaram em conta as dimensões simbólicas e institucionais que um projeto como esse envolve, além de se depararem indiretamente com questões sociais, ecológicas, culturais e históricas. Trabalhar num parque ou reserva florestal, seja ele na cidade ou fora dela, significa ter que lidar com a administração pública e centros de pesquisa e preservação, além de questões de ordem política, apontando muitas vezes para as disjunções do funcionamento do Estado.

Ao longo da vivência na reserva e no parque, os artistas se defrontaram com a ocupação urbana desordenada nas áreas naturais preservadas, além de adquirirem conhecimentos técnicos sobre a flora e fauna locais, o que foi fundamental para o entendimento amplo do campo em que o projeto se desenvolve. Entre as questões que todos tiveram que de algum modo se colocar, estão: como operar na complexidade e na grandiosidade da escala da floresta amazônica, uma vez que ela está constantemente em processo de transformação? Como lidar com as questões ao mesmo tempo locais e globais e compreender a passagem da metrópole Manaus para espaços naturais? Como realizar um trabalho que exige o convívio entre o homem e a natureza sem danificá-la e, ao mesmo tempo, evitar a transformação da natureza em algo congelado, no sentido de ser uma área intocada, uma ilha selvagem isolada que tende a se tornar refém da lógica do turismo? Além disso, cada artista, antes de tudo, trabalhou com o seu próprio repertório e indagações.

Rodrigo Braga se interessou inicialmente pelas coincidências gráficas, as camuflagens, as padronagens dos peixes e das folhas perfuradas por insetos e lagartas. Ele promoveu e fotografou encontros improváveis e até chocantes entre elementos naturais, lidando diretamente com a morte e a violência. Os dispositivos de sinalização abandonados no Parque do Mindu, onde as fotos foram colocadas, em vez de trazerem informações corriqueiras sobre trilhas ou espécies de árvores, geraram fascínio e estranhamento no visitante.

Felipe Cidade ironizou o preservacionismo radical e a ameaça que o homem representa para a natureza. Valendo-se de telas alaranjadas usadas no tecido urbano e em construções civis para impedir a pas-

sagem do cidadão, o artista isolou uma árvore como se ela fosse uma pequena e frágil muda na cidade. Essa inversão de escala e o aparato construído em madeira geraram um circuito fechado paradoxal. É preciso que o homem derrube árvores para levantar estruturas de proteção para que elas possam estar livres da ação humana.

Livia Pasqual instalou rebatedores de luz como os usados em sets de cinema e estúdios de fotografia. Trata-se de uma cena em que o protagonista é o sol. Os rebatedores estão posicionados para refletir a luz da manhã e voltados para o mesmo ponto. A intervenção gera uma intensa diferença de luminosidade num lugar preciso da trilha do parque, obrigando nossos olhos a reagir a essa mudança brusca. Ao se apropriar do movimento natural do sol e da noção de tempo nele pressuposta, o trabalho provoca uma suspensão no percurso do visitante.

Fernanda Rappa propôs um experimento que se aproxima de métodos científicos para verificar uma hipótese: será que a palmeira paxiúba pode andar? Câmeras escuras captam imagens que são projetadas em anteparos translúcidos com linhas milimétricas de orientação. O público pode comparar os resultados e responder ao questionário proposto pela artista. Sua obra evidencia a ficção por trás das teses científicas e o modo como a arte pode recolocar questões sem a pretensão de encontrar verdades objetivas.

O projeto de Val Sampaio pretendeu lidar com o som como elemento de localização do espaço, tal como o sistema GPS. A instalação de vários sinos pin ao longo das trilhas poderia¹, além de preparar o público para um estado meditativo, harmonizar o ambiente.

Depois dessas breves descrições dos projetos está claro que o LABVERDE não pressupõe qualquer oposição ou dicotomia entre arte e natureza. No ambiente da Amazônia todos os trabalhos precisam lidar com a ação do tempo, as suas corrosões e processos naturais. A inserção da arte em áreas de preservação tem a potência de provocar ecos e movimentos expansivos que podem ser ouvidos dos grandes centros urbanos. Intervenções não monumentais, inscritas num lugar preciso, reverberam e ganham sentidos amplos. Assim, o LABVERDE: Experimentações Artísticas na Amazônia, ao refundar territórios nas reservas naturais e promover outras conexões entre arte e natureza, evidencia intervalos e zonas de ação ainda pouco exploradas.

¹ Por questões de ordem pessoal, a artista não pôde realizar o seu trabalho.



1. Estrada de terra
Foto: Fernanda Rappa

2. Mercado Manaus Moderna
Foto: Fernanda Rappa

3. Feira da banana
Foto: Fernanda Rappa

4. Auditório do Parque do Mindu
Foto: Felipe Cidade

5. Torre de observação
Foto: Fernanda Rappa

6. Grades
Foto: Felipe Cidade





ARTISTAS SELECIONADOS

Val Sampaio
Felipe Cidade
Fernanda Rappa
Livia Pasqual
Rodrigo Braga

CÍRCULO SOM - O ESPAÇO DA EXPERIÊNCIA

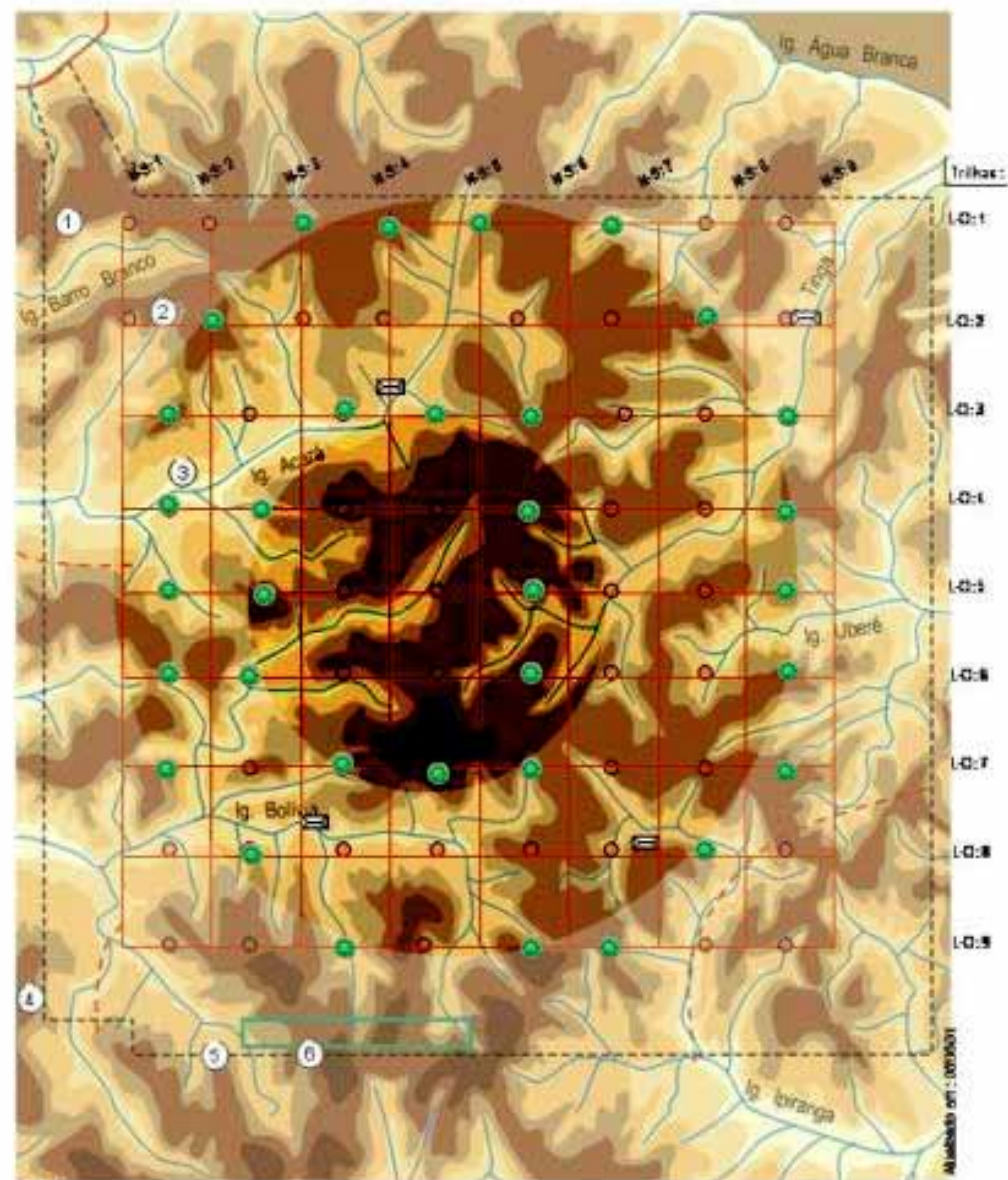
Val Sampaio¹

Val Sampaio é paraense e vive em Belém, ligada à Universidade Federal do Pará pelo Instituto de Ciências da Arte na Faculdade de Artes Visuais. Em suas incursões pelo mundo da arte e academia, cursou pós-doutorado no Departamento de Artes Plásticas da USP e doutorado em Comunicação em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Círculo som discute a noção de lugar por meio do som. A artista mapeia a área da floresta com o uso de instalações de sinos pin interativos, criando uma nova perspectiva de experimentação do espaço. Em referência aos pássaros que delimitam o território por meio do canto, a artista explora a dimensão espacial do som e nos induz a um jogo de busca e imersão na natureza. Além da instalação dos sinos pin, o percurso é georreferenciado com GPS, criando também um lugar virtual possibilitado pelas novas tecnologias da comunicação.



¹ Por questões de ordem pessoal, a artista não pôde realizar o seu trabalho.



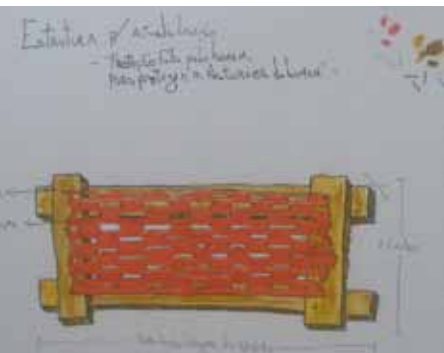
PROTEÇÃO FEITA PELO HOMEM, PARA PROTEGER A NATUREZA DO HOMEM

Felipe Cidade

O paulistano Felipe Cidade é artista plástico independente e estudante de artes visuais no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. A política e sociologia são pontos de partida para a criação de seu trabalho artístico. Atualmente, sua pesquisa consiste em observações e reflexões sobre disputas de espaços e poder na metrópole paulista.

Proteção feita pelo homem para proteger a natureza do homem, de autoria do jovem artista Felipe Cidade, é uma instalação site-specific que consiste em uma estrutura em tela tapume para o resguardo de uma árvore. O trabalho se apropria de materiais utilizados nas construções para ironizar a relação do homem com a natureza e evidenciar o tênue limite entre a proteção e a dominação.





1. Estudo preliminar
Desenho: Felipe Cidade
2. Calçada de Manaus
Foto: Felipe Cidade
3. Montagem
Foto: Fernanda Rappa
4. Montagem
Foto: Fernanda Rappa
5. Montagem
Foto: Roumen Koynov
6. Abertura da Mostra
Foto: Laurent Troost





Foto: Felipe Cidade



Foto: Felipe Cidade



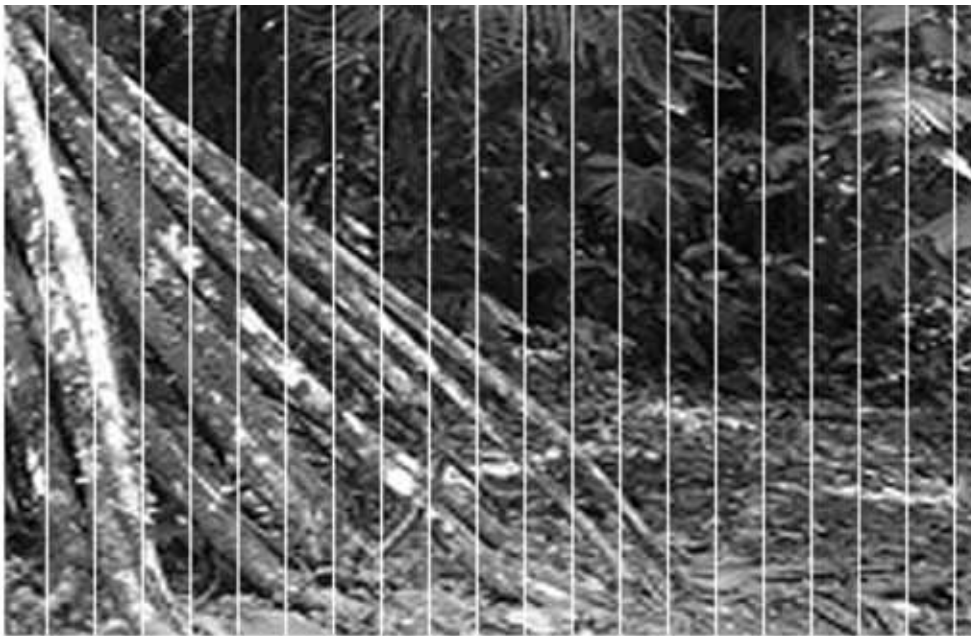


ADAPTAÇÃO E A HIPÓTESE DA PALMEIRA ERRANTE

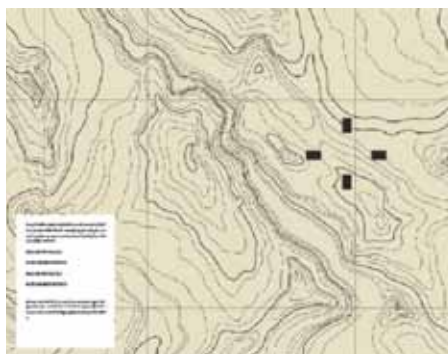
Fernanda Rappa

Fernanda Rappa, natural da cidade de Campinas – São Paulo, utiliza a fotografia como suporte para sua arte. Sua produção demonstra sobriedade no trato das imagens e prefere fotografar quando a luz do dia encontra-se praticamente extinta, dando a impressão que imagem, consciência, existência e memória estão naturalmente fundidas na imagem.

Adaptação e a hipótese da palmeira errante é uma instalação que se inicia com a observação da planta *Socratea exorrhiza*, também conhecida como paxiúba. Um conjunto de evidências constituído de informações gráficas, imagens e textos científicos auxilia o observador a intuir sobre a hipótese da palmeira andar. Ao se utilizar da metodologia científica, a artista instiga a imaginação do público e suscita as incertezas do fazer científico.



0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20



1. Estudo preliminar
Desenho: Fernanda Rappa
2. Montagem
Foto: Fernanda Rappa
3. Montagem
Foto: Fernanda Rappa
4. Localização da paxiúba
Gráfico: Fernanda Rappa
5. Pesquisas
Foto: Fernanda Rappa
6. Abertura da Mostra
Foto: Laurent Troost

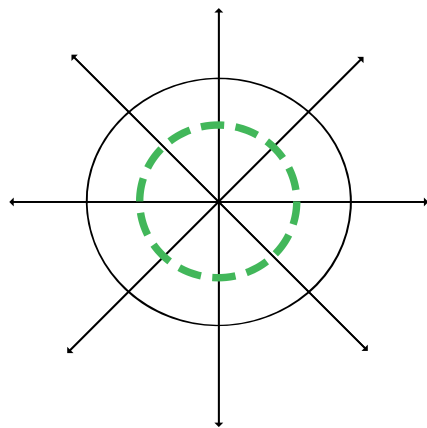








(A)



(B)

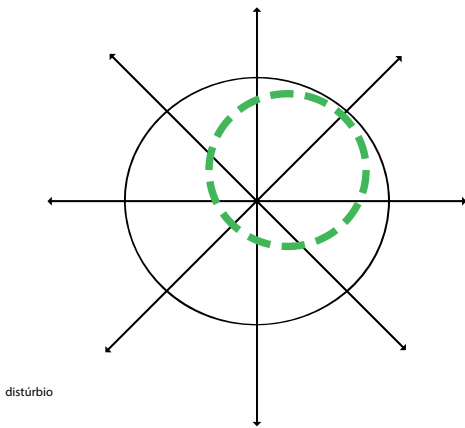


Gráfico: Fernanda Rappa



Foto: Fernanda Rappa



Foto: Fernanda Rappa



Foto: Fernanda Rappa

HIPÓTESE DA ÁRVORE ERRANTE

QUESTIONÁRIO

Você acredita que a planta denominada *Socratea exorrhiza* (também conhecida como paxiúba, castiçal, baxiúba, zancona e bombom) pode realmente andar?

☐ SIM

☐ NÃO

Porque? _____

Porque? _____

Nome: _____

Idade: _____

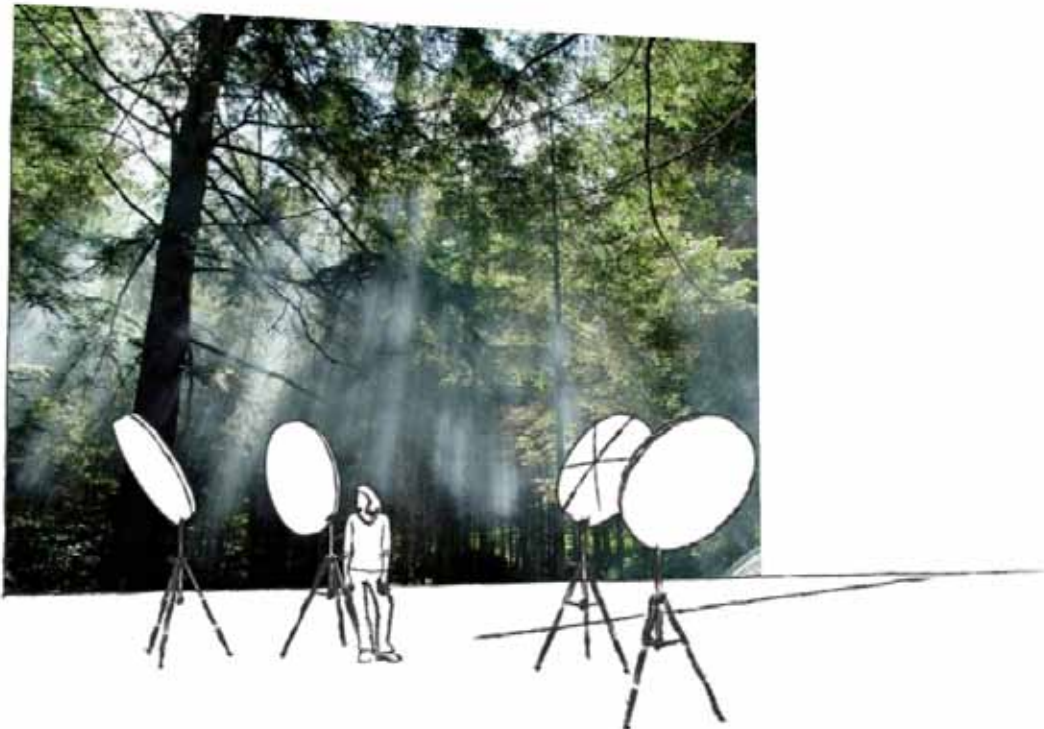
Cidade de Nascimento: _____

MIDORI¹

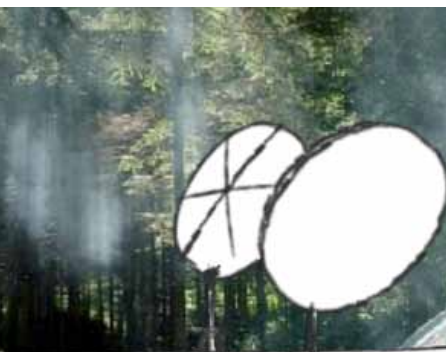
Lívia Pasqual

Gaúcha de Caxias do Sul, Lívia Pasqual vive e trabalha em Porto Alegre. Especialista em fotografia formada pelo EFTI – Espanha, possui também licenciatura em Realização Audio-visual. Naturalmente, cena e luz são as principais fontes de “matéria-prima” para suas obras, as quais Lívia complementa com desenhos sobrepostos, estendendo a narrativa para além da imagem capturada por suas lentes.

Sabe-se que o olho humano é mais sensível à luz da região do espectro de cor correspondente ao verde/amarelo. Quanto mais luz incidir sobre o verde, maior será o estímulo de quem vê. A partir dessa ideia, a proposta da artista é direcionar a luz do Sol para a paisagem, criando um rasgo de verde intenso nesse determinado espaço. A soma das luzes incidiria sobre essa fração de verde, onde, de longe, veria-se o sistema de rebatimento de luz como fronteira entre as intensidades de cor; e, de perto, perceberia-se uma grande gama de verde, sem a moldura do aparato, onde se pode experimentar a sensação de “superestímulo”.



¹ Os japoneses usam a palavra ‘azul’ para descrever a luz verde dos semáforos. Esta particularidade deriva de, antes do período moderno, existir apenas uma palavra para os tons de azul e verde (ao). Por volta do século XI surgiu na literatura uma outra palavra para designar um tom esverdeado de azul (midori).



1. Estudo preliminar
Desenho: Livia Pasqual
2. Montagem
Foto: Roumen Koynov
3. Montagem
Foto: Roumen Koynov
4. Montagem
Foto: Roumen Koynov
5. Abertura da Mostra
Foto: Laurent Troost
6. Abertura da Mostra
Foto: Roumen Koynov















Registro fotográfico da reflexão solar da obra Midori na Floresta, durante o período das 10:30 as 11:00 da manhã.
Fotos: Livia Pascal



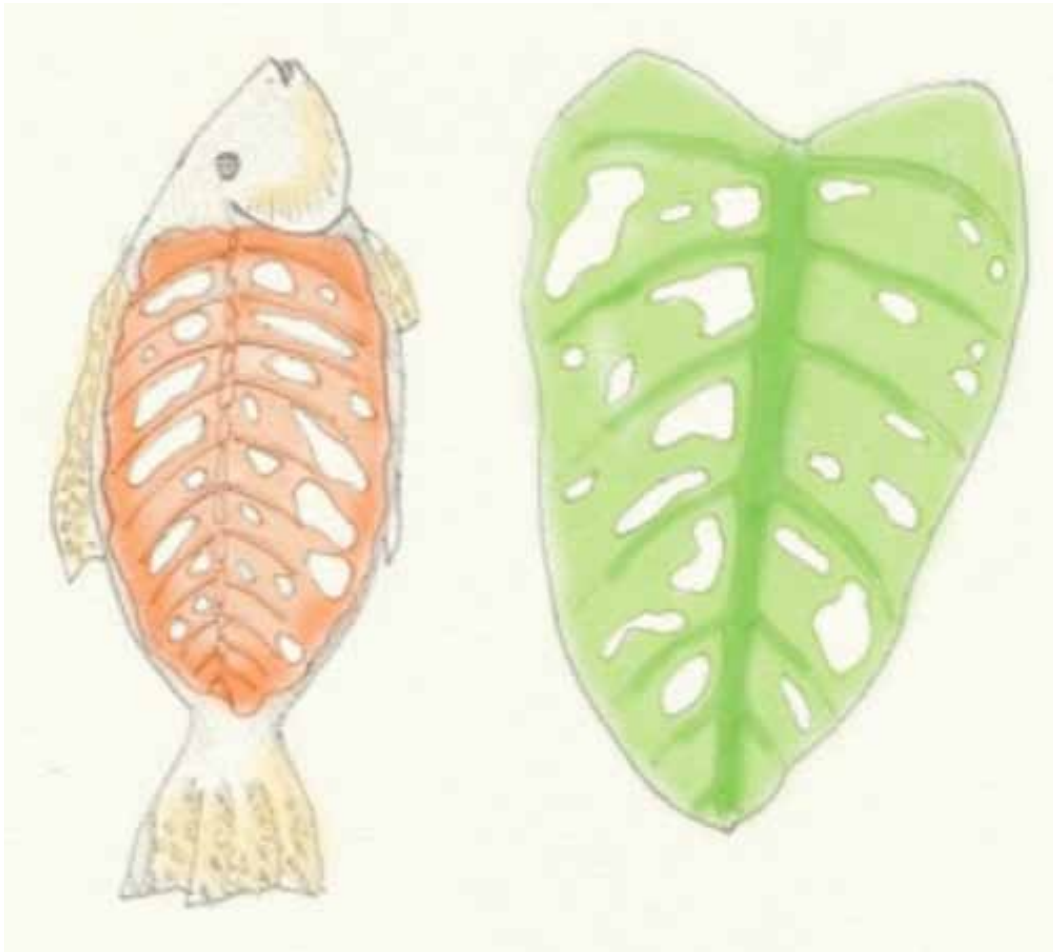
SEM TÍTULO

Rodrigo Braga

Nascido em Manaus (AM), e posteriormente radicado em Recife (PE), onde se graduou em Artes Plásticas pela UFPE em 2002, Atualmente vive no Rio de Janeiro.

A obra propõe o diálogo entre fauna e flora com a criação de um híbrido entre a folhagem de uma Arácea e um peixe tambaqui. Ambas as estruturas possuem perfurações vazadas em seus dorsos, como “*lâminas orgânicas de tecidos dilacerados por ações alheias*”: a Arácea pelos insetos e o tambaqui pelo homem. A relativa semelhança física o faz querer aproximar esses dois elementos, por avizinhança mimética. “*Com a espinha dorsal e rede de espinhaço preservados entre a cabeça e a cauda, os peixes tornam-se folhas de carne. Por sua dimensão e formato, as Aráceas são peixes-vegetais*” - diz Rodrigo. Dessa simbiose poética, onde não há categorias ou hierarquias, recria o reino animal nos indicando que na natureza nada pode ser compreendido de forma isolada.

Inspirado pela Reserva Ducke, o artista criou onze trabalhos fotográficos, que foram instalados nos totens de sinalização do Parque do Mindu.





1. Montagem
Foto: Roumen Koynov
2. Montagem
Foto: Roumen Koynov
3. Montagem
Foto: Roumen Koynov
4. Abertura da Mostra
Foto: Roumen Koynov
5. Abertura da Mostra
Foto: Laurent Troost
6. Abertura da Mostra
Foto: Roumen Koynov



Créditos: Rodrigo Braga



Créditos: Rodrigo Braga









Créditos: Rodrigo Braga



Créditos: Rodrigo Braga



Foto: Roumen Koykov



Foto: Roumen Koykov



Foto: Roumen Koykov



Foto: Roumen Koykov

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO

Lilian Fraiji
Juliana Rotta
Laurent Troost

ORIENTADORES

Cauê Alves
Fabricio Baccaro
Wellington Cançado

ARTISTAS

Val Sampaio
Felipe Cidade
Fernanda Rappa
Livia Pasqual
Rodrigo Braga

FOTOS

Roumen Koynov

PESQUISADORES

Mario Cohn-haft
Valderly Kinupp
Helder Santo

MEDIADOR LOCAL

Turenko Beça

DIVULGAÇÃO

Lis Rodrigues

SITE

Uiu Cavalheiro
Miguel Peixe

DESIGN GRÁFICO

Laurent Troost

REVISÃO

Laura Moreira

Realização

Manifesta
ArteCultura

Apoio



Patrocínio



Este projeto foi contemplado com o Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais – 9ª edição



Realização

Manifesta
ArteCultura

Apoio



Patrocínio

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura



Este projeto foi contemplado com o Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais – 9ª edição